

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
1. O REINO DO CÉU: SUAS NORMAS E TESTEMUNHO (5.1-16)	11
Introdução (5.1,2)	11
As normas do reino (5.3-12)	16
O testemunho do reino (5.13-16)	31
2. O REINO DO CÉU: SUAS REIVINDICAÇÕES EM RELAÇÃO AO ANTIGO TESTAMENTO (5.17-48)	35
Jesus como cumprimento do Antigo Testamento (5.17-20)	36
Aplicação (Mateus 5.21-47)	42
Conclusão: A exigência de perfeição (5.48)	58
3. HIPOCRISIA RELIGIOSA: SUA DESCRIÇÃO E DESTRUIÇÃO (6.1-18)	61
O princípio (6.1)	61
Os exemplos (6.2-18)	62
4. PERSPECTIVAS DO REINO (6.19-34)	83
Lealdade inabalável aos valores do reino: três metáforas (6.19-24)	84
Confiança irrestrita (6.25-34)	90

5. EQUILÍBRIO E PERFEIÇÃO (7.1-12)	109
O perigo de julgar os outros (7.1-5)	110
O perigo de não saber discernir (7.6)	117
O perigo de não ter persistência confiante (7.7-11).....	121
Equilíbrio e perfeição (7.12)	125
6. CONCLUSÃO: DOIS CAMINHOS (7.13-27)	129
Dois caminhos (7.13,14)	137
Duas árvores (7.15-20)	141
Duas reivindicações (7.21-23)	145
Duas casas (7.24-27).....	147
O final do sermão (7.28,29)	151

APÊNDICES

1. Reflexões sobre abordagens críticas do Sermão do Monte	153
2. Reflexões sobre interpretações teológicas do Sermão do Monte	167



Prefácio

No início de 1974, fui convidado a apresentar seis palestras sobre o Sermão do Monte na Cambridge Inter-Collegiate Christian Union (CICCU). Essas palestras, programadas para o último período do ano escolar de 1975, consumiram grande parcela do meu tempo e energia durante as seis semanas em que foram apresentadas. Acho que nunca senti tanto satisfação de ensinar as Escrituras quanto naquele tempo em que falei para uma plateia de quatrocentos ou quinhentos alunos que vinham me ouvir todo sábado à noite. Excepcionalmente receptivos, eles me motivavam com seu interesse genuíno pela Palavra de Deus.

Desde essa época, repeti a série de palestras duas ou três vezes em igrejas da Colúmbia Britânica, no Canadá. Dentro de minhas limitações de tempo, revisei a série, escrevendo-a em forma mais adequada à página impressa do que um sermão ou estudo bíblico costuma ser. No entanto, intencionalmente não retirei todos os traços da antiga forma. Acrescentei dois apêndices, em resposta a perguntas que me foram feitas. Parte do material do primeiro apêndice estava entremeadado na série original, mas achei melhor separá-lo neste livro.

Qual a diferença entre este livro e outros que se encontram em circulação e tratam da mesma passagem? Por que apresentar mais um estudo do Sermão

do Monte? Alguns motivos me vêm à mente. Esta exposição é mais curta do que a maioria das outras voltadas para o público em geral; mas isso porque é mais resumida. Fiz um grande esforço para ficar menos preso às categorias da teologia sistemática do que alguns de meus antecessores, mas quero que meu trabalho seja formado pelos pontos de vista teológicos mais importantes. O material dos dois apêndices em geral não consta de apresentações destinadas ao público, mas creio que possa ajudar o leitor interessado a ver a interpretação do Sermão do Monte de uma forma mais equilibrada e a ter um entendimento mais profundo. Contudo, meu principal motivo para oferecer esses estudos a um público mais amplo é minha profunda convicção de que a igreja de Cristo precisa estudar o Sermão do Monte muitas vezes.

Tenho o prazer de expressar aqui minha profunda gratidão a um grande número de autores. Li algumas exposições não acadêmicas, mas, além do próprio texto sagrado, fiz questão de ler os melhores comentários que encontrei. O livro *The Sermon on the Mount: a history of interpretation and bibliography* [O Sermão do Monte: uma história de interpretação e bibliografia], de W. S. Kissinger, foi uma ferramenta de valor inestimável nas etapas posteriores do estudo. Uma mina de ouro de informações, que me apresentou a alguns trabalhos sérios que eu desconhecia. Os leitores mais informados também conseguem perceber neste meu trabalho a influência do livro *Jesus and the Law in the synoptic tradition* [Jesus e a Lei na tradição sinótica], de Robert Banks. Quero deixar registrado meu agradecimento à Tyndale House, de Cambridge, que me deu a oportunidade de ler uma cópia da tese de doutorado de Banks antes que a revisão publicada tomasse forma. Li apenas algumas obras em língua estrangeira sobre o Sermão do Monte. Lamento, assim como lamento não ter podido examinar detalhadamente uma quantidade maior do imenso corpo de literatura relacionada. Mesmo nos periódicos que passaram pela minha mesa durante o último trimestre, não faltaram estudos sobre esses três capítulos do Evangelho de Mateus.

Meu agradecimento sincero a Eileen Appleby, que transcreveu as gravações das palestras originais. Agradeço também a Sue Wonnacott e especialmente a Diane Smith, que transformaram um manuscrito confuso em um texto digitado limpo e praticamente impecável.

Soli Deo gloria.

D. A. CARSON,
Northwest Baptist Theological Seminary,
Vancouver, Canadá

O reino do céu:

suas normas e testemunho

Introdução

Quanto mais leio esses três capítulos — Mateus 5, 6 e 7 —, mais me sinto atraído e ao mesmo tempo envergonhado por eles. Sua luz brilhante me atrai como a lâmpada atrai para si a mariposa; mas a luz é tão brilhante, que seca e queima. Não há lugar para formas de piedade que sejam apenas verniz e fingimento. O que se exige é perfeição. Jesus diz: “Sejam perfeitos como é perfeito o Pai celestial de vocês” (5.48).

O magnífico tema desses três capítulos é o reino do céu. “O reino do céu” é a expressão comumente usada por Mateus para se referir ao que outros autores do Novo Testamento preferiram chamar de “o reino de Deus”. Mateus, como muitos judeus de seu tempo, evitava usar a palavra “Deus”. Para eles, era uma palavra muito sagrada, sublime demais; por isso, empregavam eufemismos, como “céu”, em seu lugar. Quanto ao significado, reino do céu é idêntico a reino de Deus (cf. Mt 19.23,24; Mc 10.23,24 etc.).

Quatro observações preliminares talvez ajudem a esclarecer o sentido dessas expressões. Primeiramente, a ideia de “reino”, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, é sobretudo dinâmica, e não espacial. Não se trata tanto de

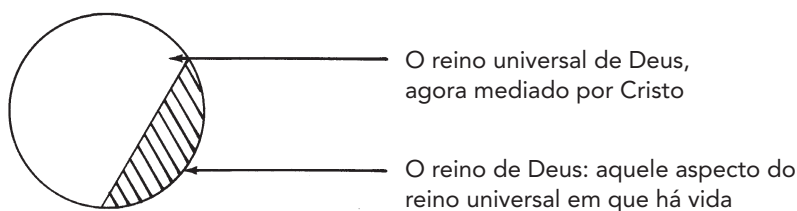
um reino com fronteiras geográficas; a ideia principal aqui é a de “domínio e autoridade do rei” ou soberania. Nas Escrituras, o significado espacial de reino é secundário e derivado.

Em segundo lugar, embora o reino de Deus possa se referir à totalidade da soberania de Deus, não é isso que está em vista no Sermão do Monte. De fato, no sentido universal, o reino de Deus — sua soberania — é eterno e abrange tudo. Não há nada nem ninguém que esteja fora dele. A partir do momento da ressurreição e exaltação de Jesus, toda essa divina soberania passou a ser mediada por Cristo. O próprio Jesus ensinou: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28.18). É a essa autoridade universal que Paulo se refere quando diz que é necessário que Cristo reine até que Deus tenha posto todos os seus inimigos debaixo de seus pés (1Co 15.25). Alguns se referem a esse “reino” como o reino mediador de Deus, porque a autoridade de Deus, sua soberania, é mediada por Cristo.

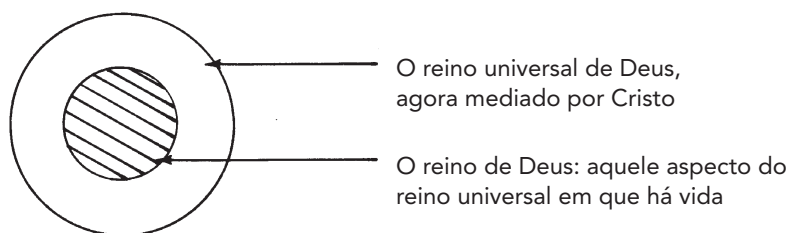
Contudo, não pode ser esse o reino de Deus a que o Novo Testamento se refere com maior frequência. No Sermão do Monte, não são todos os que entram no reino do céu, mas só os que são pobres em espírito (5.3), obedientes (7.21) e extraordinariamente justos (5.20). Do mesmo modo, no Evangelho de João, apenas quem é nascido do alto pode ver o reino de Deus ou entrar nele (Jo 3.3,5). Como o reino universal, por definição, deve incluir todas as pessoas, quer gostem dele, quer não, percebemos que o reino a que essas passagens se referem não pode ser universal. Existem condições a ser satisfeitas para que a entrada seja permitida. O reino que quero abordar nesses ensaios, o reino pregado por Jesus, é uma *parte* do reino universal.

Temos uma ideia do que esse reino significa quando comparamos dois versículos de Marcos: 9.45 e 9.47. O primeiro diz: “Se o seu pé o fizer pecar, corte-o. É melhor você *entrar na vida* aleijado, do que, tendo os dois pés, ser lançado no inferno”. O segundo diz: “Se o seu olho o fizer pecar, arranque-o. É melhor você *entrar no reino de Deus* com um olho só do que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno”. Entrar no reino de Deus, portanto, é entrar na vida. Esse é o vocabulário típico do Evangelho de João. Contudo, é encontrado no próprio Sermão do Monte. Esses três capítulos de Mateus tratam da entrada no reino (Mt 5.3,10; 7.21), que equivale a entrar na vida (7.13,14; cf. 19.14,16).

Portanto, o reino do céu, nesse sentido restrito, é o exercício da soberania de Deus que tem ligação direta com seus propósitos salvíficos. Todos os que estão no reino têm a vida; todos os que não estão no reino não têm a vida. Podemos esquematizar essas conclusões da seguinte maneira:



Ou, se os propósitos salvíficos de Deus estão no cerne de sua soberania, podemos aperfeiçoar o diagrama desta forma:



É claro que esse diagrama esquematiza de forma hiperbólica as evidências. A palavra “reino”, que se refere primordialmente à dinâmica, pode ser usada no sentido mais amplo ou no sentido salvífico especial. Por exemplo, em outra passagem, Jesus conta uma parábola em que compara o reino com um homem que semeou boa semente em seu campo, mas depois viu ervas daninhas brotando por toda parte, semeadas por um inimigo (Mt 13.24–29, 36–43). É como se o reino, nesse ponto, englobasse tanto o trigo quando a erva daninha; em termos não metafóricos, o reino abrange tanto os seres humanos que têm a vida quanto os que não a têm. Transportando a metáfora para o diagrama circular anterior, a linha que separa o círculo interior do exterior se torna muito fina. A ênfase parece estar no reino universal, embora a semeadura da boa semente seja seu propósito central. De fato, por causa desse propósito, a mistura de trigo e erva daninha, que se vê agora no campo, um dia será separada: na hora da colheita, o joio é atado em feixes e queimado, e o trigo é recolhido no celeiro do dono (Mt 13.30).

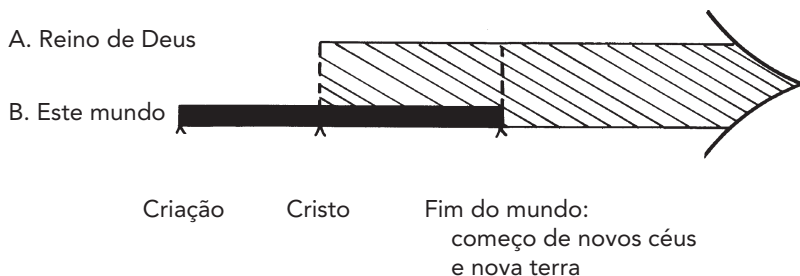
Essa ambiguidade nos ajuda a entender a passagem de Mateus 8.10–12, na qual Jesus diz: “Digo-lhes a verdade, não encontrei ninguém em Israel com tamanha fé. Eu lhes digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino do céu. Mas os súditos do reino serão lançados fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes”.

Esperava-se que os judeus, que tinham o privilégio de ser os herdeiros da revelação do Antigo Testamento, fossem os “súditos do reino”; mas Jesus afirma que na verdade muitas pessoas vindas do mundo inteiro se juntarão aos patriarcas no reino. Ele também adverte que muitos dos que esperavam ser súditos serão excluídos das alegrias do reino salvífico de Deus.

Em terceiro lugar, a expressão “reino de Deus”, no sentido da salvação (o único sentido em que empregarei de agora em diante), aplica-se tanto ao presente quanto ao futuro. Tomados em conjunto, os livros do Novo Testamento enfatizam que o reino de Deus já chegou; uma pessoa pode entrar no reino e receber a vida agora, vida “com plenitude” (Jo 10.10). O próprio Jesus argumenta que, se ele expulsa demônios pelo Espírito de Deus (e ele realmente faz isso), então o reino de Deus *chegou* (Mt 12.28). Contudo, os livros do Novo Testamento insistem em que o reino será herdado somente no futuro, quando Cristo voltar. Embora já seja vivida agora, a vida eterna só será consumada naquele dia, em conjunto com uma renovação do universo de tal proporção que só pode ser descrita adequadamente como “novos céus e nova terra” (Is 65.17; 66.22; 2Pe 3.13; Ap 21.1; cf. Rm 8.21ss.).

Jesus conta algumas parábolas com o objetivo específico de eliminar da mente de seus seguidores quaisquer conceitos errados que os levassem a crer que a chegada plena do reino ocorreria sem demora nenhuma. Ele queria que eles pensassem o contrário: a chegada do reino em sua plenitude podia ainda demorar muito. Por exemplo, em uma parábola do Evangelho de Lucas (Lc 19.11ss.), Jesus fala de um homem de nobre nascimento que vai para um país distante e depois retorna. Esse homem só recebe total autoridade sobre um reino após sua volta. Jesus é esse nobre, e a consumação do reino aguarda seu retorno.

Este outro diagrama pode ajudar a explicar essas verdades:



Toda a humanidade vive no plano “[d]este mundo”. Porém, do momento da vinda de Cristo até o fim do mundo, os herdeiros do reino (e somente eles)